

SEÇÃO: ENTREVISTAS

Centenário de Paulo Freire: aportes para se pensar a educação superior na atualidade – Entrevista especial com o professor Carlos Rodrigues Brandão

Carlos Rodrigues Brandão¹, Patrícia Nascimento Silva², Pauliane Romano³

RESUMO

Entrevista realizada com o professor emérito da Unicamp, Carlos Rodrigues Brandão, sobre as contribuições de Paulo Freire para se pensar a educação superior e o papel da universidade na atualidade. A homenagem a Paulo Freire, neste ano do seu centenário, constitui uma seção especial da Revista Docência do Ensino Superior. Esta entrevista foi realizada em junho de 2021, através de uma conferência virtual, seguindo um questionário semiestruturado com sete perguntas. Carlos Rodrigues Brandão descreve sua trajetória, sua relevante participação em movimentos sociais e destaca a contribuição de Paulo Freire para a educação superior. O professor também destaca avanços no ensino superior, o cenário vivenciado nos dias atuais e palavras de esperança para seguirmos na luta!

Palavras-chave: Paulo Freire. Centenário de Paulo Freire. Educação superior. Universidade.

Como citar este documento – ABNT

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; SILVA, Patrícia Nascimento; ROMANO, Pauliane. Centenário de Paulo Freire: aportes para se pensar a educação superior na atualidade – Entrevista especial com o professor Carlos Rodrigues Brandão. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, e035140, p. 1-15, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.35140>.

Recebido em: 04/07/2021

Aprovado em: 13/08/2021

Publicado em: 24/09/2021

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

E-mail: carlosdecaldas@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2405-8536>. E-mail: patricians@ufmg.br

³ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9925-8540>. E-mail: paulianeromano@gmail.com

Centenario de Paulo Freire: contribuciones al pensamiento de la educación superior hoy – Entrevista especial al profesor Carlos Rodrigues Brandão

RESUMEN

Entrevista realizada al profesor emérito de la Unicamp, Carlos Rodrigues Brandão, sobre las contribuciones de Paulo Freire al pensamiento de la educación superior y el papel de la universidad en la actualidad. El homenaje a Paulo Freire, en este año de su centenario, constituye una sección especial de la Revista *Docência do Ensino Superior*. La entrevista se realizó en junio de 2021, a través de una conferencia virtual, siguiendo un cuestionario semiestructurado con siete preguntas. Carlos Rodrigues Brandão describe su trayectoria, su relevante participación en movimientos sociales y destaca la contribución de Paulo Freire a la educación superior. El profesor también destaca los avances en la educación superior, el escenario vivido hoy y palabras de esperanza para que sigamos en la lucha!

Palabras Clave: Paulo Freire. Centenario de Paulo Freire. Educación universitaria. Universidad.

Centenary of Paulo Freire: contributions to thinking about higher education today – Special interview with professor Carlos Rodrigues Brandão

ABSTRACT

Interview conducted with professor emeritus at Unicamp Carlos Rodrigues Brandão about Paulo Freire's contribution to thinking about higher education and the role of the university today. The tribute to Paulo Freire, in this year of his centenary, constitutes a special section of the *Revista Docência do Ensino Superior*. This interview was conducted in June 2021, through a virtual conference, following a semi-structured questionnaire with seven questions. Carlos Rodrigues Brandão describes his trajectory as well as his relevant participation in social movements, and highlights Paulo Freire's contribution to higher education. The professor also highlights advances in higher education, the scenario experienced today and words of hope for us to keep on fighting!

Keywords: Paulo Freire. Centenary of Paulo Freire. Higher education. University.

APRESENTAÇÃO

Entrevista realizada em junho de 2021 com o professor emérito da Unicamp, Carlos Rodrigues Brandão, sobre o legado freiriano para a educação, em especial as contribuições para se pensar a educação superior e o papel da universidade. A homenagem evidencia as comemorações em torno do centenário de Paulo Freire e é apresentada como seção especial da *Revista Docência do Ensino Superior*, que convidou renomados professores para refletirem sobre a vida e a obra do Patrono da Educação Brasileira.

Carlos Rodrigues Brandão tem uma vida de militante na educação popular e concomitantemente 54 anos como professor universitário, orientando estudantes desde os anos de 1960. O engajamento nessas atividades o torna esse intelectual com tamanha lucidez e aguçada perspectiva crítica, aos 81 anos de vida.

Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão se encontram por serem contemporâneos, colegas de trabalho na Unicamp, nas correntes de pensamento, no envolvimento social e no movimento popular.

A entrevista destaca as ideias germinais de Paulo Freire, que, por vezes, não são dirigidas estritamente à docência do ensino superior, mas que são fundamentais para se pensar uma docência criativa, crítica e dialógica.



Figura 1 – Inauguração do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) em 1979.

Da esquerda para a direita: Maurício Trtemberg, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Moacir Gadotti.

Fonte: arquivo pessoal de Carlos Rodrigues Brandão.

ENTREVISTA

A educação popular é uma das grandes contribuições de Paulo Freire para o pensamento pedagógico universal, motivando inovações que repensam a universidade e seu papel social. Professor Carlos Rodrigues Brandão, diante de sua relevante participação em movimentos sociais, especificamente na temática da educação popular, qual sua visão sobre o conceito de educação popular na educação superior?

Eu queria começar a responder essa pergunta de vocês lembrando uma coisa que incrivelmente é muito esquecida. Eu escrevi sobre isso em um artigo chamado *Paulo Freire: a educação, a cultura e a universidade*⁴.

E o que é esquecido? Paulo Freire foi exilado e depois foi notabilizado principalmente como o criador de uma nova pedagogia – escrita em *Pedagogia do oprimido*⁵, mais do que em *Educação como prática da liberdade*⁶, que foi um livro anterior – e um método Paulo Freire de alfabetização. Muitas pessoas inclusive reconhecem Paulo Freire como o criador desse método, mas Paulo não criou, com a primeira equipe dele, na Universidade do Recife, – que depois vem a se tornar Federal de Pernambuco –, apenas um método de alfabetização. A proposta dessa primeira equipe, que envolvia uma mulher, a Aurenice Cardoso, e três homens educadores, era de todo um Sistema Paulo Freire de Educação. Logo depois do exílio, Paulo vai embora, passa 16 anos fora do Brasil e essa proposta original é esquecida.

E eu estou lembrando isso porque esse sistema Paulo Freire de educação começava com alfabetização de crianças, jovens e adultos e ensino supletivo rápido e previa, em 1960, há 61 anos, uma universidade popular.

Então é importante relembrar Paulo Freire e a sua primeira equipe nordestina, trabalhando no serviço de extensão comunitária chamado Serra, da Universidade do Recife, que propõe um sistema Paulo Freire de educação, que deságua em uma universidade popular. Esse é o primeiro dado muito importante. O segundo dado importante, para que a gente possa compreender como é que tudo isso acontece e vai se desdobrando antes do exílio, durante o exílio de Paulo e na volta dele, é que não se falava em educação popular, não se usava essa expressão; usávamos cultura popular.

⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire: a educação, a cultura e a universidade. Memória de uma história de cinquenta anos atrás. *EJA em Debate*, Florianópolis, ano 3, n. 4, p. 57-73, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/download/1692/pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

⁶ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Paulo e a equipe dele organizam e coordenam no Recife, em janeiro de 1963, quando eu tinha 23 anos, o primeiro encontro brasileiro de movimentos de cultura popular, o qual agregava educadores, gente da área de Saúde, Direito, da área das Exatas, Engenharia, artistas, músicos, teatrólogos, toda uma variedade de pessoas motivadas através de uma convergência das suas várias áreas. Isso acontecia muito no mundo universitário, inclusive os centros populares de cultura, ligados às uniões estaduais de estudantes.

O que acontece com o que veio a ser a educação popular é que, ao contrário de determinadas áreas da educação – que são muito restritas, especializadas –, a educação popular está se constituindo, é um campo aberto. Paulo Freire é um advogado, Osmar Fávero era matemático, eu sou um antropólogo. Miguel Arroyo vem da Filosofia, da Teologia, ou seja, havia pedagogos, mas era um campo que acolhia, como criadores da educação popular, pessoas das várias áreas. A Vanilda Paiva é muito importante nesses anos, uma historiadora. Então é muito curioso observar que essa educação que se gesta, que se cria, ela é um campo aberto, vindo do ambiente mais amplo da cultura popular. E o que nós chamamos depois de educação popular, de alfabetização popular, era uma das áreas de convergência desse movimento de cultura popular.

Mas acontece que, logo depois, o que veio a ser educação popular centrou-se muito em pessoas das classes populares, afinal era essa a sua destinação. Inclusive Paulo Freire dedica o livro *Pedagogia do oprimido* aos esfarrapados do mundo⁷.

Era muito interessante, porque grande parte das pessoas que se envolveram antes do golpe militar e depois dele – inclusive eu e vários companheiros – era gente da universidade. Eu diria que 90% eram pessoas que ainda estavam na universidade, como estudante ou como jovens professores, que era o meu caso. Atravessei a ditadura um pouco como estudante e grande parte como professor universitário, porém, minha dedicação foi à universidade e não somente ao ensino superior.

Paulo freire começou a trabalhar com alfabetização popular, com os movimentos de cultura popular, junto a favelados, a periferias, a operários, a camponeses, tanto que os primeiros escritos dele não vão se dirigir ao mundo universitário.

Quando Paulo Freire estava no Chile, ele escreveu *Extensão ou comunicação?*⁸ trabalhando com camponeses e cooperativas agrícolas. Quando ele foi para a África (ele estava morando em Genebra, mas trabalhando intensamente na África), nas ex-colônias portuguesas, ele

⁷ O entrevistado refere-se à dedicatória do livro: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

⁸ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de: Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Versão original publicada em 1969, sob o título de *¿Extensión o comunicación?*, pelo Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agrária, em Santiago de Chile).

trabalhou com educadores populares, tanto que ele escreveu cartas a Guiné-Bissau, cartas aos alfabetizadores de São Tomé e Príncipe. É um longo período, em que pessoas do mundo universitário, já formadas ou ainda trabalhando como estudantes militantes da educação popular, estão na universidade, mas não no ensino superior. É só quando ele volta em 1980 e se integra à Unicamp e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), já mais maduro, que ele começa a pensar e a escrever para o mundo universitário.

Nossa Revista trata da docência no ensino superior. Podemos encontrar na obra de Paulo Freire referências a esse nível de ensino, embora não tenha sido o foco principal de sua reflexão. Qual o lugar do ensino universitário no pensamento de Paulo Freire e como podemos discutir a universidade à luz de suas obras?

Em primeiro lugar, muitas vezes, quando se fala da universidade, sobretudo quando se fala em um contexto que eu chamaria mais de “competência universitário-acadêmico-científica”, o que se trabalha como problemática pedagógica na universidade, eu diria que está bem fora de um parâmetro, não é do pensamento, não só de Paulo Freire, mas o pensamento de vários de nós que viemos do mundo da educação popular. Inclusive, em alguns casos, o que mais se debate e se discute no mundo universitário corre à margem da educação popular.

Paulo Freire é doutor *honoris causa* por 50 universidades do mundo. Provavelmente ninguém tem mais títulos do que ele. Mas, até pouco tempo, era reconhecido um único Programa de Pós-graduação em Educação Popular no Brasil, era um pequeno mestrado na Universidade Federal da Paraíba, ou seja, a educação popular, de inspiração Paulo Freiriana, nunca teve guarida nas universidades brasileiras do ponto de vista institucional.

Ao gosto do antropólogo e também da pessoa que tem uma visão freiriana, eu separaria o que eu chamo de estrutura universitária. Uma coisa é o programa de pós-graduação, outra coisa é o que eu chamo vida universitária, que é a vida das agremiações, dos grupos, dos movimentos políticos culturais. Isso faz parte do outro lado, do outro mundo, tanto que onde mais se discute Paulo Freire não é nos cursos, é na extensão universitária.

Então preciso deixar isso muito claro. Existem algumas universidades brasileiras, como na PUC de São Paulo, onde há a Cátedra Paulo Freire. Mas é algo pequeno, à margem, desligada dos programas oficiais. É muito crítico e criativo observar isso com olhos atentos. Por que a universidade brasileira, que premiou de norte a sul Paulo Freire com o título de doutor *honoris causa*, o silencia? Coloca-se a culpa no governo atual, mas há um silêncio sobre Paulo Freire vigente na universidade brasileira. A exceção vem de estudantes, grêmios estudantis e determinados espaços. Por exemplo, na Unicamp tem um pequeno grupo de estudos de que eu faço parte, chamado Grupo de Estudos de Educação Popular para Adultos

(GEPEJA). É um grupo de 30 a 40 pessoas em meio a uma multidão. É preciso compreender justamente essas contradições para a gente não dar respostas muito acadêmicas e normativas.

Hoje em dia, quando a gente vê programas de educação do campo, pedagogia da terra, são heranças dos anos 2000 de coisas que têm a ver com Paulo Freire, com Miguel Arroyo e que vão brotar em várias universidades, como na UFMG. Esse seria um programa de inspiração Paulo Freiriana e realmente era um mestrado todo ele voltado, através das dissertações, para trabalho junto a comunidades populares. Agora que as universidades estão realizando (em 2018, 2019 e 2020) os sonhos de Paulo Freire, de Miguel Arroyo, de Carlos Brandão de 1960, 1980, ou seja, incorporando negros, cotas, quilombolas, índios, de repente toda essa *neoinvasão*, essa feliz invasão dessa universidade acadêmica, elitista que é a nossa.

Se você me perguntar: qual é a herança de Paulo Freire? Eu diria que não é nenhuma didática, ele nunca escreveu realmente sobre ensino superior, ele tem trabalhos de passagem, sobretudo quando ele faz palestras, mas a grande herança de Paulo é essa virada do mundo acadêmico, essa abertura para o ingresso daqueles que sempre estiveram à margem.

Paulo Freire atuou como professor e em outras instâncias do ensino superior, como na Universidade Federal de Pernambuco, em Harvard e na Unicamp. Em sua visão, como essas vivências na academia repercutiram na atuação do Paulo Freire em seus trabalhos junto à população em outros espaços?

Eu tenho para mim que a experiência que ele teve nos Estados Unidos, em Harvard, foi rápida. Já os anos de trabalho que ele realizou no Chile – foram quatro, cinco anos – e depois na África, nas ex-colônias portuguesas, foram muito importantes. Quando ele veio para o Brasil e assumiu o mundo universitário na Unicamp e na PUC de São Paulo, ao mesmo tempo, [também]. Ele tinha uma atuação muito mais efetiva na PUC de São Paulo, lá foi a casa de Paulo Freire.

Uma das coisas mais importantes de Paulo na Unicamp foi que ele, Moacir Gadotti, Maurício Tragtenberg e eu fundamos o CEDES, que publica até hoje uma excelente revista: *Educação & Sociedade*. Mas é a partir daí que Paulo Freire continua trabalhando com movimentos populares. Ele se integrou à Secretaria de Educação com a Luiza Erundina, em que implementou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) e depois adentrou o mundo universitário.

Então o que está acontecendo? Primeiro digo a vocês, no mundo universitário, parece que o que move a universidade são os avanços tecnológicos, haja vista como somos medidos

quantitativamente. Sempre fui extremamente crítico a tudo isso. Mas ainda é uma mensuração. Mas o outro lado do mundo universitário é o que vai interessar, vai motivar Paulo Freire, vai ser uma direção, digamos, da universidade para fora.

Como criar espaços? Como criar pedagogias que abram a universidade para os mundos populares? Que, aliás, já era o projeto dele em 1960, quando ele propõe aquela universidade popular junto com a primeira equipe dele. Como, por exemplo, aproximar a universidade do MOVA? Da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Ele vai ter um vínculo muito grande com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – inclusive pouco antes da morte dele, ele está lá no assentamento do MST. É quando ele começa não só a vivenciar e a escrever alguma coisa, não sobre a universidade, mas sobre o professor universitário, que é a grande preocupação dele.

Em 1985, quando estávamos em Buenos Aires e foi realizada a grande Conferência Internacional de Educação de Adultos patrocinada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tínhamos acabado de sair da ditadura e Paulo Freire fez uma palestra para quase 4000 educadores argentinos no teatro San Martín. E qual foi o teor da palestra dele? O que caracterizaria o professor crítico e criativo. Ele estava falando para uma maioria de professores desde a escola pública até a universidade, e a preocupação dele já era caracterizar.

A inspiração Paulo Freiriana veio, inclusive, para desenquadrar a universidade. Quando eu digo desenquadrar, é quase geograficamente mesmo, como no mestrado em Educação da UFMG, em que ninguém se sentava em fila em sala de aula, era tudo em círculo de cultura, com outra profunda vocação Paulo Freiriana, que foi inclusive herdada por nós. Aliás, o mestrado da UFMG é exemplar na criação de uma pedagogia dialógica. Eu posso dizer que introduzi isso na minha primeira aula na Universidade de Brasília (UNB), na Faculdade de Educação. Toda a sistemática Paulo Freiriana, à volta dele, desenquadra nos espaços e incorpora essa proposta até hoje.

Aos olhos de alguns professores catedráticos, ele parecia até muito relaxado, pois ele ia para a sala de aula – ou círculos, como ele chamava –, para construir diálogos e dizia: olha, eu não vim falar nada, eu vim escutar vocês.

Identifico algumas contradições: de um lado um silenciamento, a nível institucional, e de outro lado toda uma efervescência, não só dentro de sala de aula, mas em programas pedagógicos originados da extensão universitária e de ambientes de estudantes militantes. E olha que quem está falando isso é um professor emérito da Unicamp, com 54 anos de vida de professor, com 70 mestres e doutores.

A obra de Paulo Freire discute a educação como prática da liberdade, sem que essa liberdade possa ser entendida como permissividade. Em textos como *O compromisso popular da universidade*, Freire reafirmou a necessidade do compromisso com o rigor acadêmico e científico. Como podemos pensar o ambiente universitário a partir do legado freiriano?

Eu vou começar lembrando não o legado, mas o recado antifreiriano. Vamos fazer todas as críticas que devemos fazer ao momento em que estamos vivendo e a esse governo. Eu costumo dizer que não é só um mau governo, mas um governo do mal. É o que se está fazendo em termos de desconstrução da educação brasileira, mas não vamos ficar com os olhos fechados e centrados no Brasil. Eu viajo muito pela América espanhola, Argentina, Colômbia, e o panorama lá é mais ou menos o mesmo. Um pouco melhor em um país, pior no outro.

Então o que a gente tem que pensar: em que contexto nós estamos na América Latina? Em que contexto a América Latina está para que aconteça no Brasil um governo como esse?

Em 2019 a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP) publicou uma série de artigos que me chamou muita atenção. Esse número [da Revista ADUSP]⁹ é um retrato do mundo universitário em que nós vivemos. Ele tem artigos de professores da Holanda, que é o texto fundante, da Austrália, do Japão, da Espanha e do Brasil. Todos eles com diferenças muito pequenas; há o mesmo grito de alerta: a universidade no mundo inteiro está sendo invadida por uma nova onda do poder do capitalismo neoliberal. E a evidência disso é o produtivismo, inclusive esse número é dedicado à invasão produtivista no mundo universitário.

É interessante ver como do Japão à Austrália, da Espanha ao Brasil, a queixa é a mesma: nós agora valemos como números. Nós agora somos mensurados pela quantidade de produção, de citações. Não é mais a qualidade, não é mais a densidade o que importa. Não é nem aquilo que você cria, é aquilo que você produz e é quantificado. E se possível em inglês, bem distante do mundo acadêmico brasileiro também. E com isso se produz uma tese, que às vezes virava livro, às vezes não, e que provavelmente 12 pessoas iam ler. E eu pergunto: quem de vocês já se preocupou em escrever um artigo para uma revista de uma associação de professores de escola? Eu já me preocupei. Aliás, Rubem Alves e Paulo Freire também.

Mas eu nunca vi um estudante de pós-graduação dizer que, quando finalizasse o doutorado, iria desdobrar os resultados para acesso dos professores de ensino de primeiro grau. Pelo contrário, o mais comum é buscar traduzir para o inglês e publicar em revista indexada. Eis a

⁹ Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/imprensa/revista-adusp/3482-revista-n-63-novembro-2019>

mordida da cobra venenosa do produtivismo! Nós somos comprados e vendidos e sem querer nos integramos a este mundo acadêmico mercantilizado e era contra isso que Paulo Freire se voltava.

Paulo Freire não escrevia para professor universitário. Quando ele era chamado, como na Argentina, ele fazia uma palestra. Ele escrevia para educadores do MOVA, para a professora de escola de lona do MST, ou seja, eu acho que ele era um educador certo.

Eu estou na universidade recebendo do poder público para pensar na educação não em inglês e para fora, mas em português e para dentro. É para quem está trabalhando no chão da escola, nas escolas do MST e assim por diante. Aliás, a minha grande alegria é que eu estou continuando essa mesma toada.

O início dos anos 2000 marca significativamente a expansão do ensino superior brasileiro. As políticas de ações afirmativas, por exemplo, têm muita importância nesse processo, ao estimularem a abertura das portas da educação superior a parcelas antes excluídas desse nível de ensino. Muitos pesquisadores têm constatado, no entanto, que a distribuição dos novos discentes não é igualitária e segue condicionada, em grande medida, às marcas sociais. Dessa maneira, estudantes de origem popular tendem a se direcionar a carreiras menos seletivas, mais desvalorizadas e com baixo retorno dos diplomas no mercado de trabalho. Com base no pensamento freiriano, qual o papel hoje da universidade na acolhida e na emancipação do estudante de origem popular?

Muito interessante que nós estamos vivendo um momento extremamente polarizado e eu tenho a impressão de que a universidade está no “olho do furacão”. E dentro da universidade a faculdade de educação está “no olho do olho do furacão”. Algumas áreas não estão muito preocupadas com essas questões. As pessoas têm uma visão mais tecnicista, inclusive alguns nem falam português, preferem falar em inglês.

Mas nós que estamos nas Ciências Sociais e na área da Saúde somos profundamente afetados por essa dualidade. De um lado, todo o processo de mercantilização, de submissão da universidade, e não é nem ao poder de Estado, como na ditadura, mas diretamente ao mundo do mercado. Inclusive as próprias instituições como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), antes ainda do governo Bolsonaro, já estavam avassaladas e dominadas pela lógica do poder do mundo mercantil.

Eu costumo dizer que a grande infelicidade da educação é que cada vez mais o Carrefour, a Volkswagen, a Vale do Rio Doce vão aumentando o seu poder sobre a universidade, o que nos Estados Unidos sempre aconteceu, mas lá o capitalismo é mais civilizado. O nosso é mais

selvagem. Haja vista, por exemplo, o comportamento da Vale do Rio Doce antes, durante e depois dos desastres que ela ocasionou.

Por outro lado, é incrível que a televisão, os meios de comunicação – inclusive, em programas dirigidos a educadores – estão mais preocupados com o ensino a distância com a informatização da educação, sobretudo agora nesse mundo de pandemia.

A grande luta que nós enfrentamos agora dentro da universidade não deveria ser respondida com uma pergunta inocente como: quais deveriam ser os rumos científicos e pedagógicos da universidade brasileira neste momento? A pergunta é: a quem a universidade brasileira está servindo? “A quem” significa coisas muito concretas. Eu tomo como exemplo um triângulo e coloco a universidade ao centro. Em uma das suas extremidades, está a sociedade civil. A sociedade civil é você, somos nós. Não é só o povo brasileiro da periferia lá do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, de São Paulo ou o povo camponês. É a sociedade civil brasileira! E, quando se abre a Constituição Federal, somos nós: “todo poder emana do povo e em seu nome será exercido”. A isso que a universidade deveria servir.

Acontece que, em regimes políticos mais duros, por exemplo... Eu, que atravessei a ditadura militar aqui no Brasil como estudante, depois como professor e depois acompanhei companheiros e companheiras nas ditaduras da Argentina, do Chile, do Uruguai e assim por diante, vi a educação sendo dirigida para esse lado que se chama poder de Estado. Grande parte do que está sendo feito com a educação brasileira vide, por exemplo, esse empenho de criação de escolas militares, é cada vez mais para legitimar uma educação que, ao invés de servir ao povo brasileiro, a vocês, a mim, à gente de periferia, às classes médias e a todas as outras, servem ao Estado “Pátria amada Brasil”, como o lema do atual governo.

Quando nós vivíamos como professores durante a ditadura, existia uma disciplina obrigatória que ia desde o jardim da infância até a pós-graduação, chamada Educação Moral e Cívica. Ela se limita à educação moral. Antigamente, quando os gregos começam a pensar educação, eles têm como sociedade civil, a *pólis* (lugar do cidadão) e o Estado. A nossa sociedade abriu esse lado que se chama mundo do mercado.

Por exemplo, quando eu comecei minha carreira como professor, o Conselho Federal de Educação tinha aproximadamente 12 pessoas, 11 eram pessoas ligadas à universidade pública e 1 representava os interesses das universidades particulares. Procure ver como está hoje!

Eu me lembro de amigos que eram do Conselho Federal de Educação, dizendo: eu não aguento mais reunião do Conselho, em que a gente tem que defender o que sobrou da

universidade pública, frente a uma maioria de defensores da universidade privada. É a privatização da universidade! O sucateamento da instituição pública é em grande medida o dilema da universidade. Ela que deveria e ainda deve estar no papel de caudatária da sociedade civil: “tudo que eu faço é para o povo, em nome do povo”. No entanto, ela serve muito mais ao fortalecimento do poder de Estado, que por sua vez serve aos interesses do mundo do capital, tanto que, quando alguém começa a criticar o Presidente da República ou o Ministro da Educação, eu digo: a gente tem que descobrir quem é que os colocou lá e quem é que faz com que eles falem o que estão falando, porque eles não estão falando pela cabeça deles.

Mas, por outro lado, é pelas frestas do mundo universitário, em duras batalhas, em duras lutas, que nós estamos buscando “Freiramente”, “Arroyadamente” criar espaços de democracia, de diálogo, de inclusão. Para colocar dentro da universidade aquela metade da população brasileira que é de negros. Isso não é uma justiça socialista revolucionária “à la Paulo Freire”, é uma justiça democrática. Metade da população brasileira é composta por mulheres, uma grande porcentagem da população que bateu nas portas da universidade. É gente do campo, gente que há pouco tempo fazia três, quatro anos na escolinha da roça e que na cidade ficou muito feliz. E que se alegra de ver turmas de meninas camponesas, filhas de camponeses. Eu vi isso no Espírito Santo, em Minas Gerais, em vários lugares. De repente essas pessoas entrando na universidade, fazendo mestrado, escrevendo teses. Ano passado, a UNB, por exemplo, aprovou que dois alunos indígenas defendessem o doutorado deles na língua nativa. Na Colômbia, por exemplo, existe uma universidade indígena. Eles, inclusive, acabaram de publicar um livro: *Educación propia*, de uma população indígena do Cauca, na Colômbia.

Então, do ponto de vista freiriano, eu acho que são esses acontecimentos que eu diria que têm uma inspiração de Paulo Freire. Não é apenas o que ele melhorou em termos de didática.

Paulo Freire encontrou na Pedagogia, na docência e na formação de professores seu lugar para atuação em prol da transformação do mundo. Qual o papel da docência hoje na formação de cidadãos quando a educação vive a dicotomia da formação para o trabalho x formação integral e humanística?

Esse é o grande dilema! O grande dilema da educação de hoje é o seguinte: nós estamos instrumentalizando o competente e o competitivo para o mundo do mercado ou nós estamos formando o consciente-cooperativo para a sociedade? Essa é a pergunta! E essa pergunta é fundamental, ou seja, qual é o nosso sujeito preferencial? Quando da abertura da universidade para o ingresso das pessoas até agora excluídas, como um dado de justiça

social e cultural, mas também com o papel da universidade. Ela está sendo cada vez mais dirigida ao mundo do mercado.

Eu ando muito preocupado, e não é só com as grandes costuras do capitalismo, é com esses direcionamentos do nosso mundo, ou seja, para onde nós estamos indo? Para que lugar? Então, a educação tem que ser dirigida ao diálogo, à crítica, à transformação, ao aprofundamento, à densificação. Ou é ao mercado? Se for ao mercado, bastam competências, bastam quantidades, basta produtividade, basta um espírito de produção, de empreendedorismo, que estão querendo colocar na educação agora desde os primeiros momentos.

Um exemplo, parte da pedagogia freiriana, que ele, volta e meia, tocava nessa tecla, [é] estudar! A gente hoje em dia estuda para vestibular, estuda quando está fazendo mestrado, estuda no doutorado. Lá atrás, estudar fazia parte da vida cotidiana. Paulo Freire tem que ser pensado como um estudioso. Interessante que, naqueles tempos, estudioso não era só o bom aluno na escola. Era toda pessoa que dedicava um tempo do seu cotidiano a estudar. Muito bonito ver a biblioteca de Paulo Freire, os livros dele anotados à mão, estão lá no instituto Paulo Freire. É uma primeira característica. Eu ainda tenho esse velho hábito, eu ainda estudo. São essas pequenas recuperações Paulo Freirianas do passado.

Outra ideia profundamente freiriana é a coletivização do estudo. Essa experiência que para mim veio da juventude universitária católica e depois do movimento de educação de base, que era não apenas estudar individualmente, competitivamente, para ser melhor do que os outros, mas o chamado estudo em equipe, uma coisa que caiu de moda.

Hoje em dia a gente faz *fitness* em equipe, a gente faz *cooper* em equipe, mas sentar cinco pessoas, para durante três horas estudarem... Então quando vocês me perguntam qual é a grande contribuição de Paulo Freire, eu diria é isso, por exemplo! É a prática cotidiana da densificação do saber. Não vai produzir uma tese, mas dentro de mim, criará uma pessoa mais crítica, mais criativa, capaz de pensar e buscar conhecimento.

Às vezes até me perguntam: mas afinal qual é a contribuição que Paulo Freire deixou para a educação? Porque eu não conheço, por exemplo, uma universidade Paulo Freire ou uma escola Paulo Freire. Na verdade, tem mais de 50 escolas com o nome do Paulo Freire, mas qual é a metodologia que Paulo Freire deixou? Ele não criou uma metodologia de ensino, a grande inovação de Paulo Freire é semelhante à grande inovação dos grandes educadores, como Korczak, como Claparède, Freinet, Maria Montessori, são ideias germinais. Ideias que de repente não são dirigidas especificamente à docência do ensino superior, mas é muito difícil pensar uma docência crítica, criativa, dialógica no ensino superior sem passar por Paulo Freire.

Considerando o papel social, econômico e político da educação superior, qual a sua percepção sobre as ações atuais com relação à educação e especificamente às universidades públicas? Qual a repercussão dessas ações para a educação da camada popular em nível superior e como o pensamento freiriano poderia subsidiar o debate neste momento?

O que está sendo feito na universidade do Brasil, da Holanda, da Austrália, do Japão, da Espanha, da Argentina e da Colômbia é uma norte-americanização da universidade. Nos Estados Unidos uma universidade pública é uma raridade. Os alunos pagam para estudar e podem vir a receber bolsa de uma instituição capitalista que financia esses auxílios, não porque o capitalista é bonzinho, mas porque faz parte das dívidas dele com o Estado. Assim se inicia um processo de domínio e controle capitalista. No Brasil, isso já era muito forte no governo da Dilma. Não tanto no Lula, mas já vem de longe, não é de agora. Claro que atualmente recobrou com grande densidade.

Eu considero que existem dois campos que são profundamente freirianos: um deles é responder com qualidade, ou seja, eu volto a uma fala que é muito freiriana, é muito Rubem Alves, é muito Miguel Arroyo, mas, até nesse mundo eletrônico e conservador, precisamos pensar com altíssimo nível. Precisamos dar um banho de sabedoria e de cultura nas pessoas que estão tentando mercantilizar a educação, silenciar com o nosso saber. Então, nós temos que dar essa resposta, uma resposta de qualidade, de qualidade cultural. Temos que fazer o que fizeram os grandes pensadores desde a Grécia até Paulo Freire, até Miguel Arroyo, que é responder com qualidade.

E o outro campo é uma resposta freiriana radical, ou seja, é ir para rua! Sair para a rua, quando for preciso – e vai ser preciso –, é uma resposta justamente oposta à pedagogia de competência, à superficialidade, à utilidade e tudo mais.

Desde quando eu era menino de 20 anos no Rio de Janeiro até hoje, grande parte dos avanços na educação brasileira, tanto em termos de melhoria das condições de trabalho dos professores quanto de inclusões, foi resultado de gente na rua. De negros, de índios, do MST, de professores e professoras na rua, para de repente alcançar algum avanço. Na verdade, pequenas coisas, mas sempre conquistas. Nunca houve conquista alguma, significativa, para nós da área de Educação, que não viesse de baixo para cima, que não viesse de fora para dentro e que não viesse de lutas, de confrontos e de enfrentamentos.

Carlos Rodrigues Brandão

Bacharel em Psicologia e psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965-1969). Possui mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (1974), doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980) e livre docência em Antropologia do Simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas (1989). Realizou estudos de pós-doutorado em Antropologia junto à Universidade de Perugia e à de Santiago de Compostela (1992). Aposentou-se da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1997, após 23 anos de trabalhos lá e de 30 anos como professor. Permanece como docente dos quadros do doutorado em Antropologia e do doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. Desde quando aposentado, foi professor convidado em cinco universidades. É membro do Conselho Internacional e consultor do Instituto Paulo Freire. É comendador da Ordem do Mérito Científico, do Ministério de Ciência e Tecnologia; professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia, doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Goiás, doutor *honoris causa* da Universidad Nacional de Lujan, Argentina; e professor emérito da Unicamp. carlosdecaldas@gmail.com

Patrícia Nascimento Silva

Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2018). Analista de Tecnologia da Informação na UFMG. Editora-chefe da Revista Docência do Ensino Superior, da Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino (GIZ/Prograd/UFMG). Professora em cursos de graduação e de pós-Graduação, ministrando disciplinas na área de tecnologia e orientação de Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisadora nas áreas de Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento, Dados Governamentais Abertos e Privacidade e Proteção de Dados. patricians@ufmg.br

Pauliane Romano

Doutora e mestre em Educação pela UFMG. Graduada em Pedagogia também pela UFMG. Editora adjunta da Revista Docência do Ensino Superior, da Diretoria de Inovação e Metodologia de Ensino (GIZ/Prograd/UFMG). Professora e orientadora em cursos de graduação e de pós-graduação na área de Formação de Professores. Pesquisadora nas áreas de Política Educacional, Educação Superior, Trabalho Docente e Estudos em Metodologias de Ensino, Planejamento e Avaliação, EaD, Tecnologias Educacionais e Produção do Conhecimento. paulianeromano@gmail.com